
Música no espaço público: o caso do *gospel* evangélico em ônibus de São Gonçalo¹

Arianni Souza BRITO²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

O artigo traz o debate sobre um dos aprofundamentos possíveis do tema da música no espaço público brasileiro. Trata-se da presença da música no espaço dos ônibus, onde uma diversa gama de indivíduos compartilha parte considerável de sua vida cotidiana. Neste intuito, são analisadas as circunstâncias nas quais se dá a presença de expressões musicais do gênero *gospel*, que tem alcançado crescente repercussão em nossa cultura. Tal análise foi baseada em resultados preliminares de uma pesquisa de mestrado que tem como *locus* o município de São Gonçalo, localizado na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Lá foram realizadas observações de viagens e conversas com passageiros e motoristas de ônibus.

PALAVRAS-CHAVE: música; espaço público; transporte público; ônibus; *gospel*.

INTRODUÇÃO

O tema da pesquisa é a música nos ônibus urbanos em nosso país, que deriva do debate sobre a música no transporte público em cidades da América Latina. O enfoque no ônibus se deu porque esse meio de transporte é a única opção disponível de moradores de muitas cidades brasileiras - destituídas de transporte metroviário, ferroviário ou aquaviário. Tal escassez de opções contribui para que no ambiente do ônibus aconteça parte considerável do convívio social de muitos usuários, pelo motivo de necessitarem passar bastante tempo dentro de - ou esperando por - um desses “veículos ambientes”.

A escolha da cidade de São Gonçalo, localizada na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, se deu por dois motivos: familiaridade com o transporte de lá e a constatação de que os gonçalenses pertencem ao grupo de passageiros que mais gastam tempo na movimentação pendular (casa-trabalho/trabalho-casa). Já o enfoque no *gospel* se deu porque é possível perceber a presença constante de expressões desse gênero musical na paisagem sonora das viagens de ônibus em São Gonçalo. Essa presença - manifestada por meio da agência de motoristas, passageiros e ambulantes, com seus

¹ Trabalho apresentado no GP Música e Entretenimento, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Comunicação do PPGCOM/UFF, e-mail: ariannibrito@gmail.com.

aparelhos sonoros e suas vozes – indica que o gênero se destaca naquele contexto sociomusical e merece ter a influência que exerce no cotidiano melhor compreendida, como ocorreu em trabalhos que destacaram o *reggaeton* e a *cúmbia*, o *funk*, e o *brega* nos ônibus (MUROLLO, 2015, PEREIRA DE SÁ, 2011, TROTTA, 2018, 2020 e 2023, SOARES, 2021).

Na eleição e delimitação do objeto da pesquisa, levou-se em consideração a explicação de Marconi e Lakatos (2003, p.218) de que o objeto faz parte da resposta do “o quê”, englobando o problema, as hipóteses e as variáveis, e a afirmação de Martino (2018, p.58) de que “nos estudos de Comunicação há alguns recortes clássicos na escolha de objetos de pesquisa – os estudos ligados à produção da mensagem, à mensagem em si, à recepção e às interações”. Também levamos em consideração que “talvez uma das possibilidades para melhorar nosso desempenho seja observar o caminho que outros já trilharam” (MEDEIROS E TOMASI, 2021, p.33).

Diante disto, mostrou-se produtor analisar os objetos de alguns dos trabalhos mais relevantes que participam do “estado da arte” da música no transporte até o momento, a fim de que seja dada continuidade no conhecimento científico sobre o tema. No geral, os objetos desses trabalhos fazem referência à execução (produção ou reprodução) e ou à escuta de expressões musicais por sujeitos usuários, profissionais, artistas de rua e vendedores ambulantes, que circulam nos “veículos ambientes” do transporte. Para o delineamento, foram utilizadas as seguintes definições: práticas de intervenção e escuta sonora (PEREIRA DE SÁ, 2011 e MILITO E SALGADO, 2018); usos do som e de aparelhos reprodutores (MUROLLO, 2015 e TROTTA 2020); dinâmicas da execução forçada e dos atritos (TROTTA, 2018 e 2023 e SOARES, 2021) efeitos da música (PEDROSA, 2017); aspectos da convivência nas viagens (CAIAFA, 2005); e a construção de sentido (SBABO, 2014).

Ora, uma vez que a pesquisa apresentada por meio desta escrita está sendo desenvolvida no âmbito de um curso de Mestrado, a melhor forma de descrever seu objeto seria “as práticas e escutas sonoras”. Dessa forma, com a delimitação do objeto, chegamos ao seguinte problema de pesquisa: quais as características das práticas de intervenção e escuta de expressões musicais do gênero *gospel* por usuários, profissionais, e vendedores ambulantes que circulam nos “veículos/ambientes” do transporte público realizado por ônibus urbanos em São Gonçalo?

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Para definirmos o objetivo geral da pesquisa, consideramos a explicação de Lacatos e Marconi (2003, p.219) de que “está ligado a uma visão global e abrangente do tema. Relaciona-se com o conteúdo intrínseco, quer dos fenômenos e eventos, quer das ideias estudadas. Vincula-se diretamente à própria significação da tese proposta pelo projeto”. Seguindo esse direcionamento, pode-se afirmar que o objetivo geral da pesquisa aqui discutida é descrever as características das práticas de intervenção e escuta de expressões musicais do gênero *gospel* por usuários, profissionais, e vendedores ambulantes que circulam nos “veículos ambientes” do transporte público realizado por ônibus urbanos em São Gonçalo.

Em relação aos objetivos específicos, podemos indicar os seguintes para a pesquisa aqui delineada: apresentar dados etnográficos que permitam traçar um panorama do perfil socioeconômico e cultural da cidade e de sua população; apresentar dados etnográficos que permitam traçar um panorama da ambiência sonora dos “veículos ambientes”; apresentar dados etnográficos que permitam um vislumbre da percepção dessas ambiências sonoras por usuários, profissionais, artistas de rua e vendedores ambulantes, com destaque para os eventos que envolvam a performance de expressões musicais do gênero *gospel*.

Como a metodologia da pesquisa (respostas às questões como?, com quê?, onde?, quanto?) engloba os componentes métodos de abordagem, métodos de procedimento e as técnicas (LAKATOS E MARCONI, 2003, p.221-223), apresentaremos as definições que propomos para estas perguntas. Para a abordagem, propomos o método hipotético-dedutivo, já que partimos de hipóteses em relação às formas e condições em que a música *gospel* se apresenta nos ambientes dos ônibus de São Gonçalo e seus usos por motoristas, passageiros e ambulantes, que devem ser testadas.

Para o procedimento, propomos um misto de três tipos, cuja utilização acreditamos nos será útil no cumprimento de cada um dos objetivos específicos. Utilizando o histórico, poderemos compreender o panorama do transporte público no município de São Gonçalo. Utilizando o estruturalista, poderemos descrever a ambiência sonora do interior dos veículos. E, utilizando o estudo de caso, poderemos interpretar as percepções de motoristas de ônibus, passageiros e ambulantes sobre esta ambiência e os usos do *gospel*.

Por fim, em relação às técnicas, propomos a utilização da documentação indireta, abrangendo a pesquisa documental e bibliográfica de produção acadêmica relacionada ao tema, e a da documentação direta intensiva e extensiva, incluindo observação da ambiência do ônibus, conversas com os indivíduos que nele circulam, espontâneas ou não, e análise do conteúdo de dados etnográficos, e todos os tipos de textos que sejam necessários ao alcance dos objetivos apontados anteriormente.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No cotidiano das cidades, o transporte coletivo estende a muitos o direito de dispersão e heterogeneização, ao criar um espaço de contato entre os viajantes, realizando a mistura caracteristicamente urbana em um microcosmo. Essa “fuga”, envolveria o deslocamento físico, “[...] mas não só ele, porque sempre se pode ir de um ponto a outro levando sua bíblia. Implica ir para não reconhecer; é a viagem da diferença que realiza a própria aventura da cidade” (SILVA, p.18-20).

Durante nossas jornadas, os sons e as músicas são experienciados por nossos corpos e, queiramos ou não, despertam nossos afetos. Por um lado, muitos de nós podemos recorrer cotidianamente à música, como parte de um repertório de estratégias para lidar com o estresse, “[...] gerar prazer, criar ocasiões e afirmar a identidade própria ou de um grupo” DENORA (2000, p.16). Já, por outro lado, apesar da inevitável onipresença da música e de seu propósito “[...] em muitos lugares ser para minimizar o ambiente confuso da vida pública contemporânea, a falta de controle sobre o que está sendo reproduzido provavelmente irritará” (TROTТА, 2020, p.10).

Os moradores de São Gonçalo lidam com o acréscimo deste incômodo, durante o longo período que necessitam despender em seu movimento pendular, para acessar melhores oportunidades de trabalho e estudo em outros municípios da região metropolitana do Rio de Janeiro. Tal necessidade remonta ao declínio industrial e econômico daquela outrora conhecida como a “Manchester Fluminense”, bem como à opção pelo transporte rodoviário, promovida por agentes imobiliários e empresários de ônibus proprietários de terras. Segundo levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2010, 31% dos gonçalenses ocupados gastavam 52 minutos no deslocamento casa-trabalho (MIHESSEN et al., 2014).

Para observarmos e analisarmos as dinâmicas que se dão neste tipo de ambiente, recorreremos a procedimentos etnográficos. Conforme Silva (2019), as pesquisas do

campo da comunicação têm muito a se beneficiar com a etnografia, método que se desenvolveu na antropologia. Como método-pensamento, permite compreender processos sociais e culturais por meio de arranjos heterogêneos, nos quais “[...] os regimes de sentido não cessam de se acoplar a componentes não discursivos (se quisermos, com materialidades de toda ordem, histórica, social, política, etc.)” (SILVA, op.cit., p.8).

Neste processo, a observação participante, sua técnica mais emblemática, permite a convivência com o grupo, imprescindível para o pesquisador conseguir apreender as sutilezas do fenômeno. Isto, porque, no “campo”, o etnógrafo aprende ao entrar em contato com a perspectiva e as palavras do outro, em uma proximidade, tanto fértil quanto problemática. Joane Passaro (1997) nos alerta para as dificuldades do projeto etnográfico, chamando a atenção para noções relativas ao “campo”. Para ela, uma “antropologia da liberação” requereria desafios contínuos de nossas próprias práticas de objetivação. Dentre seus conselhos, estão: ter em mente que o campo que vamos analisar é caótico, porque assim são as cidades pós-coloniais; que podemos ter muito em comum com as pessoas que vamos analisar; e que as pessoas que são o oposto das que vamos analisar também fazem parte da nossa análise.

No campo, em nosso caso, também estamos expostos às práticas musicais da cultura religiosa evangélica, e poderemos constatar o quê De Carvalho, De Castro Lopes e Nobre (2021) apontam em “Um estudo sobre relações intertextuais entre textos bíblicos e canções *gospel*”. Nele, as pesquisadoras demonstram que muitas composições do segmento decorrem de processos de adaptações de histórias ou trechos conhecidos da Bíblia. Segundo elas

As análises evidenciaram que, quer seja por retomada total das histórias ou apenas por referência ou alusão a personagens e trechos, os processos intertextuais marcam fortemente o segmento evangélico, no qual o estudo bíblico é constantemente realizado. A recorrência ao artifício intertextual se presta a dois objetivos: o primeiro de caracterizar a comunidade discursiva que consome esse tipo de texto, no sentido de se produzir discursos cujos temas sejam pertinentes a esta comunidade. O segundo tem viés ‘pedagógico’, uma vez que, mediante passagens das canções, são recontados e reinterpretados trechos de eventos bíblicos, de forma que a comunidade discursiva evangélica se aproprie, também, das mensagens do evangelho por via das canções. (DE CARVALHO, DE CASTRO LOPES E NOBRE, 2021, p.15).

A respeito do *gospel* como gênero musical, nos valem das visões de Simon Frith, Simone Pereira de Sá e Jeder Janotti Jr.. Para o primeiro, o gênero é “[...] uma

maneira de se definir a música em seu mercado ou, alternativamente, o mercado em sua música” (FRITH, 1996, p.76). Já para os dois últimos, “[...] longe de serem definitivas ou imanentes ao universo musical, a discussão demonstra que a noção de gênero musical supõe conflitos, negociações e rearranjos sucessivos” (PEREIRA DE SÁ E JANOTTI JR., 2019, p.130). Ao realizar considerações sobre a produção e o consumo da música em questão, Olívia Bandeira e Michel Nicolau Netto abordam a discussão nos seguintes termos

De um lado, como um fenômeno próprio de um mercado que, portanto, é produzido em relação a outros tantos fenômenos desse mesmo mercado. Ou seja, ao mesmo tempo em que o *gospel* se insere em uma racionalidade do mercado de música, nele também se diferencia, concorre com outros gêneros, cria seus próprios circuitos, etc. De outro lado, a música *gospel* está também inserida em uma sociedade mais ampla, na qual os agentes que com o *gospel* se relacionam estão produzindo sentido, se relacionando socialmente. Essa perspectiva nos leva a observar a dimensão do consumo do *gospel* para notar como ele se relaciona com a produção de subjetividades, tanto quanto com a unificação e classificação dos agentes no campo religioso. (BANDEIRA E NETTO, 2017, p. 270-271)

O termo *gospel* se originou nos Estados Unidos, e lá é comumente utilizado para classificar a música religiosa moderna (ou Contemporary Church Music/CCM). No Brasil, o *gospel* remonta aos anos 1950 e 1960, quando os pentecostais romperam com a hinologia vigente, e introduziram ritmos e estilos mais populares nas canções, cujas melodias e letras eram de fácil assimilação. A autora ressalta que a música é um dos elementos que configuram o fenômeno cultural *gospel*, já que “a música dá sentido a esse modo de vida religioso não como simples expressão litúrgica, mas como mediação do sagrado. Na cultura religiosa *gospel*, por meio da música pode se chegar a Deus e até mesmo se tornar como Deus” (DO NASCIMENTO CUNHA, 2007. p. 87).

Como vemos, a música é muito importante para o campo religioso, já que suas produções possibilitam a compreensão da religião e das relações que ela mobiliza na sociedade. Uma relação que está sendo bastante discutida já há alguns anos é a do pentecostalismo com a “Teologia do Domínio”, que se tornou um dos pilares dessa tradição, nas últimas décadas. A noção de “batalha espiritual”, atualizada desde os primórdios do cristianismo ocidental, é uma das características mais marcantes desta ideologia. Outras doutrinas e práticas do pentecostalismo em nosso país são a crença de que Deus se comunica com o povo, para expor suas vontades e distribuir dons e conselhos, assim como a intervenção divina no cotidiano (ROSAS, 2015).

O conjunto de igrejas evangélicas presentes atualmente no Brasil é formado basicamente por três tradições, que chegaram e prosperaram em diferentes períodos de nossa história. Protestantes históricos (Igrejas Anglicana, Luterana, Congregacional, Metodista, Adventista, etc.) pertencem às igrejas surgidas imediatamente à Reforma Protestante; podem ser considerados mais discretos e intelectualizados. Os pentecostais (Congregação, Assembleia de Deus, Movimento Missionário Norte-americano) chegaram ao país no início do século XX; e podem ser caracterizados pela disciplina aos princípios do texto bíblico, postura modesta, e incorporação de aspectos sobrenaturais à experiência religiosa (SPYER, 2020).

Entre as décadas de 1950 e 1970, protestantes históricos realizaram um “reavivamento” de suas congregações, para reverter a perda de adeptos para as pentecostais (surgem as Igrejas do Evangelho Quadrangular, Brasil pra Cristo, Deus é Amor, Nova Vida, etc). Neste intuito, há a incorporação de algumas de suas práticas e de técnicas de gestão profissional, o que seria o embrião da terceira tradição: o neopentecostalismo. Os neopentecostais (Igrejas Renascer, Maranata, Universal, Da Graça e Do Poder de Deus) promovem a ideia de culto exuberante, com emoção e interação, bem como uma lógica meritocrática e a busca de sucesso material (SPYER, op.cit.).

Diante desta diversidade de denominações, em boa parte da literatura, há uma série de desacordos sobre a classificação dos seguidores da religião originada pela Reforma Protestante. Um longo processo histórico, que abrangeu efeitos conjunturais, possibilitou que o termo contemplasse todas as igrejas filiadas à tradição reformista. O termo “evangélico”, em nosso contexto atual, adequa-se à identificação religiosa dos seguidores das igrejas reformadas e pentecostais, devido à característica geral de adotarem atitude “evangelizadora” e “propagadora” de uma leitura do Novo Testamento (MAFRA, 2001).

ESTADO DA ARTE

Este estado da arte se baseou em buscas³ nos repositórios Google Acadêmico, Scielo, Portal de Periódicos e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Os resultados que mais

³ A busca foi realizada no idioma português do Brasil. Os artigos escritos em inglês ou espanhol só foram incluídos quando referenciados por autores brasileiros.

corresponderam à palavra-chave música no ônibus foram *A Música no Ônibus: Incômodo, violência e tensão social* (2018) e *Violência sonora em viagens de ônibus* (2023), ambos de autoria de Felipe da Costa Trotta. Até quando verificamos, não há outros trabalhos que tenham a conjunção entre música e ônibus em seu título ou resumo. Constatada a relevância do autor para o tema na esfera nacional, analisamos sua produção em busca de mais artigos relacionados à temática.

No primeiro, o autor conclui que “a imposição de um determinado repertório musical aos outros passageiros se configura como ação política de reivindicação de uma voz por indivíduos que sofrem diversos tipos de opressão, mas ao mesmo tempo colabora para a sedimentação de estigmatizações e estereótipos reforçados pela escuta forçada” (ibid. p.1). Já, no segundo, é ressaltada a característica do medo ser um condicionante da experiência musical forçada em ônibus e outros transportes coletivos, que é “matizada por valores, ideias e preconceitos compartilhados sobre as músicas que circulam forçadamente no espaço público” (TROTТА, 2018, p.1)

Após clicar na ferramenta artigos relacionados do Google Acadêmico, encontramos Música contra o tédio reflexões iniciais sobre o tempo e a espera nos transportes coletivos, também de Felipe Trotta (2020). Apesar de o ônibus não ser o locus foco do artigo, acreditamos que ele nos será de grande utilidade. No texto, o foco é dirigido “aos usos de música pelos usuários dos transportes coletivos, especialmente nos momentos de espera e nas dinâmicas sonoras que acompanham a gestão do tempo e do tédio nas viagens urbanas” (ibid.1).

Partindo do cruzamento de referências destes artigos, três outros se destacaram, pois seus temas se relacionam com o de nossa pesquisa e foram citados pelo menos duas vezes: “Escuchando música em el transporte público” – Sobre usos de la telefonía móvil por parte de jóvenes (2015), de Norberto Murolo, Ando meio (des)ligado? Mobilidade e mediação sonora no espaço urbano (2011), de Simone Pereira de Sá, e Solidão povoada: viagens silenciosas no metrô do Rio de Janeiro (2006), de Janice Caiafa.

De maneira similar ao que Felipe Trotta faria anos mais tarde, no primeiro artigo Norberto Murolo também discute o incômodo da escuta forçada no ônibus, só que em Buenos Aires. Outra similaridade é que os dois utilizam o caso de gêneros musicais vinculados à juventude marginalizada, sendo eles o funk (no Brasil) e a cumbia ou o *reggaeton* (na Argentina). A principal diferença das duas abordagens é que o autor argentino dá maior enfoque à perspectiva do executor da música imposta do que à

perspectiva do ouvinte incomodado, enquanto o brasileiro balanceia a análise das duas perspectivas (MUROLO, 2015).

Simone Pereira de Sá realiza uma discussão mais ampla geograficamente, considerando o uso da música em variados espaços urbanos do país e do exterior, inclusive o transporte público. Assim como Murolo, enfoca a perspectiva do executor de meios de comunicação móveis e locativas (celulares e *ipods*) que, para a pesquisadora, usa a música como “tecnologia do self” “para produzir certos estados energéticos, psíquicos ou mentais modulando humores, ritmo, atenção e também nossa relação espaço-temporal” (PEREIRA DE SÁ, 2011, p.4).

Janice Caiafa amplia a discussão para o campo do som, do qual a música participa, e foca no ambiente do metrô do Rio de Janeiro para apontar as características de seu mobiliário específico e suas determinantes operacionais e o meio social que ali é produzido e, em seguida, explorar as modalidades comunicativas presentes nas viagens solitárias, que são frequentemente silenciosas (2006). No ano anterior, a autora já havia iniciado sua investigação sobre esse aspecto do som na mobilidade, examinando a fricção entre palavra e silêncio no artigo Comunicação e expressão nas viagens de ônibus (ibid, 2005). Também havia publicado, em 2002, a detalhada etnografia Jornadas urbanas: exclusão, trabalho e subjetividade em viagens de ônibus na cidade do Rio de Janeiro, sobre a experiência de trabalhadores que utilizam ônibus como meio de transporte.

Finda esta etapa, partimos para a procura de resultados para a palavra-chave música no transporte. Nessa fase do mapeamento, já tivemos que recorrer à abertura de artigos para verificar se abordavam o ambiente do ônibus em algum trecho do texto. O resultado que mais correspondeu ao tema da nossa pesquisa foi A influência da música ambiente na rotina diária dos usuários de transporte coletivo da cidade de Curitiba (2017), de Frederico Gonçalves Pedrosa.

No artigo, o autor contribui com a perspectiva da musicoterapia, mostrando que “a ambientação sonora colabora com o bem-estar e favorece positivamente a rotina diária dos usuários do transporte coletivo da cidade de Curitiba” (PEDROSA, 2017, p.1). Interessante que o autor critica a escassez de pesquisas a respeito dos efeitos da música ambiente sobre as pessoas naquele campo, apontando que já há pesquisas concluídas sobre o tema no âmbito da enfermagem, por exemplo. Segundo ele “a investigação mostrou que a ambientação sonora colabora com o bem-estar e favorece positivamente a rotina diária dos usuários do transporte coletivo da cidade de Curitiba” (ibid, p.1).

Em seguida, procuramos por artigos relacionados a outros meios de transporte coletivo pelas palavras-chave música no trem e música no metrô, sendo que apenas a segunda nos trouxe algum resultado.

No trabalho *A música no metrô do Rio de Janeiro: reflexões sobre a prática etnográfica* (2019), Flora Kuri Milito e José Alberto Salgado partem para a discussão de “alguns passos e resultados do estudo das práticas musicais nos vagões do metrô” (ibid, p.1). Interessante perceber que essa comunicação corresponde ao segundo capítulo da dissertação de mestrado de Flora, intitulada *TEM BOI NA LINHA: As práticas musicais no metrô do Rio de Janeiro* (2019), na qual a pesquisadora discute a atuação profissional de artistas de rua nos vagões. Essa referência é valiosa para nós, por apresentar um modelo de estrutura no qual poderemos nos inspirar.

Citado nas referências de Milito, Alexandre Provin Sbabo investigou como se dá a construção de sentido de alerta, considerando as composições realizadas para aberturas e fechamentos das portas do metrô de São Paulo, em *O metrô em sons: Uma análise semiótica sobre os sons das portas do metrô de São Paulo* (2014). Como podemos perceber, entre os estudos sobre música e som no transporte público, predominam os referentes ao metrô; tanto que este meio de transporte específico é citado várias vezes por Diego Brotas em *Sonoridades, música e mobilidade: um estudo sobre as novas práticas tecnológicas baseadas na espacialização e nos dispositivos móveis, onde propõe uma tipologia de análise “que apontam para três modelos de apropriações dos lugares, sonoramente, por meio das mídias locativas”* (2011, p.1).

PRINCIPAIS RESULTADOS E CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

As performances musicais que pesquisamos acontecem no transporte público da cidade de São Gonçalo. Por isso, buscamos rastros que nos permitissem compreender melhor o seu perfil sociomusical em etnografias e/ou estudos de música, de transporte, e de religião que tiveram a localidade como foco.

Em “Giros urbanos: uma etnografia da festa do arremate da folia de reis no estado do Rio de Janeiro”, Luiz Gustavo Mendel Souza resume sua tese de doutorado, na qual dissertou sobre a realização da festa no ambiente urbano. Ele é categórico, ao afirmar que São Gonçalo é “uma das cidades mais perigosas da Região Metropolitana do estado do Rio de Janeiro” (SOUZA, 2017, p.3). Também observa que “o trânsito da folia de Reis pelo município encontra vários impedimentos, dentre os quais se destacam a ausência de

transporte público no período da madrugada e a constante abordagem dos foliões pelos integrantes do tráfico de drogas” (ibid. p.3). Ao refletir sobre o uso do som e da música nesse contexto, o autor comenta que as entoações das profecias do mestre e o som da ocupação dos participantes da festa disputam espaço com o repertório do funk: “a rua e as calçadas são ocupadas por barracas de comidas e bebidas, os moradores e consumidores desta festa disputam o espaço público com os carros de som que preenchem o ambiente sonoro com músicas de funk” (ibid. p.4).

Klauder Vicente Quevedo Gonzaga inicia seu artigo, intitulado *O Hip Hop em São Gonçalo (1998-2015): da ASAC à Batalha do Tanque*, afirmando que ela era a segunda cidade mais populosa do Rio de Janeiro. Esse dado ainda é verdadeiro, segundo o censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2022, que também aponta sua população como a décima oitava maior do país. O autor prossegue e, pensando nos motivos e motivações da juventude de uma periferia do centro de outra periferia, como é a gonçalense, agir na sociedade por meio do ativismo, observa que o desenvolvimento do Hip Hop ali é um exemplo de como seus elementos tendem a ganhar características regionais. No texto, perpassa a ideia de decadência econômica da cidade, como é possível inferir da seguinte passagem

Considerando a posição geográfica da cidade de São Gonçalo, localizada na região metropolitana do Rio de Janeiro, tendo sofrido diversas consequências da crise econômica instalada no Brasil desde o fim da ditadura-civil-militar e com a emergência das políticas neoliberais dos governos do fim dos anos 1980 e 1990, embora não seja vista como um grande polo da prática do Hip Hop nas grandes mídias, esta cidade teve no período uma cena Hip Hop pujante desde o início dos anos 1990 [...] Este cenário causou um êxodo dos seus principais representantes que de um modo geral buscavam outros locais para sobreviverem praticando o Hip Hop [...] Apesar das dificuldades econômicas, da falta de espaços públicos e privados onde se pudesse praticar o Hip Hop, além do avanço das igrejas neopentecostais (CHAVES, 2018), a cena da cidade se renovou e de certa maneira no decorrer dos anos, resistiu à falta de reconhecimento do estado, à repressão, à falta de estrutura ou apoio do mercado. (GONZAGA, 2021, p.9-10).

Um dos quatro elementos culturais do Hip Hop, o rap, é abordado por Guilherme Marcelino dos Santos Silva em “Roda cultural Batalha do Tanque, o que vocês querem? - “sangue”, orgulho e identidade”, na qual consta uma seção dedicada à São Gonçalo, intitulada “Terra de Malboro, de funkeiro e de soldados. Vim de São Gonçalo”. A expressão “Terra de Malboro”, à que o autor se refere, é um dos apelidos da cidade, entre os quais está “São Gonça”, graças à música homônima do grupo Farofa Carioca. Em seguida, transcrevemos suas palavras sobre o panorama histórico da localidade

[...] Hoje “SG” é conhecida como uma grande cidade, sendo que já foi tratada e posta como paróquia, freguesia, vila, município, voltou à condição de vila até que em 27 de dezembro de 1929, por fim, retornou à condição atual de cidade. São Gonçalo é uma cidade que poucos habitantes conhecem a história e curiosidades, como, por exemplo, o fato de que Itaipu, hoje bairro da região Oceânica de Niterói, já foi distrito de São Gonçalo e que nas décadas de 40 e 50 a cidade tinha o parque industrial mais importante do Estado e isso lhe rendeu o apelido de “Manchester Fluminense”. A cidade possui atualmente 92 bairros e inúmeros sub-bairros que, em sua maioria, surgiram a partir do loteamento de terras que já foram grandes fazendas, sítios ou chácaras. (SILVA, 2018, p.25).

Trabalhos anteriores e nossas pesquisas preliminares têm constatado que a música no ônibus provém de fontes diversas, sendo elas tanto humanas quanto inumanas. Conforme suas necessidades de expressão, os indivíduos que participam da comunidade transitória que utiliza aqueles veículos como meio de transporte podem acionar seus dispositivos vocais e/ou dispositivos eletrônicos.

Especificamente em relação à música *gospel* e em relação à sua presença em ônibus de São Gonçalo, pode-se verificar algumas peculiaridades. Além do caso de passageiros “compartilharem” ou “deixarem vazar” os repertórios de seus celulares ou caixas de som, lá também é bastante comum os motoristas “sonorizem” o ambiente com a escolha do repertório de estações como a carioca Rádio Melodia 97.5 FM (maior rádio *gospel* do país), para ecoar através do sistema de som interno. Vendedores ambulantes, que eventualmente embarcam, também podem contribuir para a disseminação do *gospel*, utilizando a entoação de hinos e louvores em suas performances de venda.

A disseminação da música *gospel* evangélica nos espaços públicos é um fenômeno de extrema importância no contexto atual, porque está intimamente relacionado com a própria disseminação da religião evangélica na sociedade brasileira, tal qual com o aumento no número de seus adeptos, e conseqüente maior alcance de seus representantes nas esferas sociocultural e política. Outrora restrita à execução e entoação em seus redutos, a música evangélica se faz impor, atualmente, até mesmo em lugares antes inimagináveis, como shopping centers, supermercados, barricadas e acampamentos golpistas, o Palácio da Alvorada, etc. (conforme contatamos por meio de vídeos que podem facilmente ser encontrados na internet). O interior dos meios de transporte público é ambiente onde essa maior presença da música evangélica pode ser observada em sua ocorrência cotidiana e, à medida que sua fruição nesses ambientes geralmente é

experienciada de forma involuntária, ela tem potencial de agenciar pertencimentos, tanto quanto de desencadear conflitos, entre os atores que se apresentam nesse cenário.

Acreditamos que os passageiros adotem três posturas diversas em relação a experiência da música *gospel* imposta ao ambiente. São elas: os indivíduos estão abertos a ela, porque possuem uma opinião prévia favorável à religião evangélica e/ou ao gênero musical; eles ignoram ao máximo a música, ou constroem uma “bolha sonora” ao redor de si, utilizando seus celulares e fones de ouvido (PEREIRA DE SÁ, 2011, p.1); ou relativizam mais este incômodo e tentam aproveitar a experiência da melhor forma possível, com o fim de se distraírem da viagem maçante (TROTТА, 2020).

Por fim, ressaltamos que a pesquisa é de suma relevância para o estudo do gênero *gospel*, que pode estar atuando como um dos elementos mais importantes do *soft power* da doutrina evangélica e pode estar alcançando um status elevado perante o senso comum, por fazer parte da identidade da figura de um imaginado “cidadão de bem”. Este cidadão, parte do ideário da direita brasileira, supostamente deteria como principais características ser honesto, trabalhador e “família”; características que atestariam a superioridade moral dos fãs deste gênero em relação aos funkeiros ou aos pagodeiros, por exemplo, que deteriam características comportamentais opostas.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Olívia. Música *gospel* no Brasil - reflexões em torno da bibliografia sobre o tema. **Religião & Sociedade**, v. 37, p. 200-228, 2017.
- _____. NETTO, Michel Nicolau. As racionalidades do mercado religioso: considerações sobre produção e consumo da música *gospel*. **Revista de Ciências Sociais: RCS**, v. 48, n. 1, p. 269-302, 2017.
- BLACKING, John. Música, cultura e experiência. **Cadernos de Campo (São Paulo-1991)**, v. 16, n. 16, p. 201-218, 2007.
- DE CARVALHO, Ana Paula Lima; DE CASTRO LOPES, Shara Lylian; NOBRE, Kennedy Cabral. Um estudo sobre relações intertextuais entre textos bíblicos e canções *gospel*. **COLINEARES**, v. 8, n. 1, p. 110-125, 2021.
- DENORA, Tia. **Music in everyday life**. Cambridge university press, 2000.
- DO NASCIMENTO CUNHA, Magali. **A explosão *gospel*: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2007.
- FRITH, Simon. **Performing rites: On the value of popular music**. 1. ed. Massachusetts: Harvard University Press, 1996.

GONZAGA, Klauder Vicente Quevedo. O Hip Hop em São Gonçalo (1998-2015): da ASAC à Batalha do Tanque. **Mosaico**, v. 13, n. 20, p. 115-135, 2021.

JANOTTI, Jeder; SÁ, Simone Pereira de. Revisitando a noção de gênero musical em tempos de cultura musical digital. **Galáxia (São Paulo)**, p. 128-139, 2019.

MAFRA, Clara. **Os evangélicos**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. Atlas, 2003.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de Pesquisa em Comunicação: projetos, ideias, práticas**. Editora Vozes Limitada, 2018.

MEDEIROS, João Bosco; TOMASI, Carolina. **Redação de artigos científicos: métodos de realização, seleção de periódicos, publicação** – 2ed. - São Paulo: Atlas, 2021.

MIHESSEN, Vitor; MACHADO, Danielle Carusi; PERO, Valéria. Mobilidade urbana e mercado de trabalho na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. **Revista da ABET**, v. 14, n. 2, p. 310-327, 2014.

MILITO, Flora Kuri; SALGADO, José Alberto. A música no metrô do Rio de Janeiro: reflexões sobre a prática etnográfica. In: **Colóquio de Pesquisa do PPGM/UFRJ, XVII, Rio de Janeiro** – Vol.1 – Educação Musical e Musicologia – Anais, p.49-55, 2020.

_____. **Tem boi na linha: as práticas musicais no metrô do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

MUROLO, N. Escuchando música em el transporte público. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.**, v. 38, n. 2, 2015.

PASSARO, Joanne. You can't take the subway to the field!": "Village" epistemologies in the global village. **Anthropological locations: Boundaries and grounds of a field science**, p. 147-162, 1997.

PEDROSA, Frederico Gonçalves. A influência da música ambiente na rotina diária dos usuários de transporte coletivo da cidade de Curitiba. **Revista InCantare**, v. 8, n. 1, 2017.

PEREIRA DE SÁ, Simone. Ando meio (des) ligado? Mobilidade e mediação sonora no espaço urbano. In: **E-compós**. 2011.

ROSA, Daniel Pereira. **De cidade-dormitório à centralidade da grande cidade periférica: trabalho, consumo e vida de relações de São Gonçalo na Região Metropolitana do Rio de Janeiro**. 2017. 297 p. Tese. (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.

ROSAS, Nina. "Dominação" evangélica no Brasil: o caso do grupo musical Diante do Trono. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 5, n. 1, p. 235-235, 2015.

SBABO, Alexandre Provin. O metrô em sons: Uma análise semiótica sobre os sons das portas do metrô de São Paulo. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), XXXVII**, Foz do Iguaçu. Anais, 2014.

SILVA, Guilherme Marcelino dos Santos. **Roda Cultural Batalha do Tanque, o que vocês querem ver? "Sangue", orgulho e identidade**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades). Escola de Ciências Sociais, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

SILVA, Janice Caiafa Pereira E. Sobre a etnografia e sua relevância para o campo da comunicação. **Questões Transversais**, São Leopoldo, Brasil, v. 7, n. 14, 2019.

_____. **Jornadas urbanas: exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus na cidade do Rio de Janeiro**: Editora FGV, 2016.

SOARES, Thiago. Música Brega e Cultura da Mobilidade. In: 2016. **Ninguém É Perfeito e a Vida é Assim: a Música Brega Em Pernambuco**. 2. ed. Recife: Carlos Gomes de Oliveira Filho, 2021. p. 94-99.

SOUZA, Luiz Gustavo Mendel. As Folias de Reis e suas peregrinações rituais por territórios liminares urbanos. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 24, 2019.

SPYER, Juliano. **O Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam**. 1. ed. São Paulo: Geração Editora, 2020.

TROTTA, Felipe. Violência sonora em viagens de ônibus. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 46, p. e2023127, 2023.

_____. A Música no Ônibus: Incômodo, violência e tensão social. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)**, XLIII, Virtual. Anais, 2020.

_____. Música contra o tédio. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)**, XLI, Joinville. Anais, 2018.